

TRADUÇÕES DA COLEÇÃO BRASILEANA: FONTES PRIMÁRIAS

Cristina Carneiro Rodrigues

Em seu pioneiro ensaio sobre a história da tradução no Brasil, José Paulo Paes (1990: 25) afirma que apenas a partir dos anos 1930 se criam, no Brasil, as condições mínimas para falarmos em tradução como uma atividade profissional. São duas as condições, “o surgimento de uma indústria editorial realmente digna do nome” e o “crescimento, quantitativo e qualitativo do público leitor”. Ambas são consequência do projeto de modernização do Brasil que começa a ser implementado na era Vargas. As iniciativas incluíam novas leis trabalhistas, a industrialização do país e a expansão da educação por meio de reformas do ensino primário e secundário e da criação de universidades e novas faculdades. As medidas governamentais, assim como a crise mundial de 1929, geraram a necessidade de publicação local de livros, tanto com fins pedagógicos quanto frutivos, o que motiva a expansão do mercado editorial.

De acordo com Heloísa Pontes (1989: 368), na época, “as editoras mais importantes faziam grandes investimentos na edição de ambos os gêneros”. Em seu ensaio, são listadas a Companhia Editora Nacional (São Paulo e Rio de Janeiro), a Editora Globo (Porto Alegre), a Editora José Olympio (Rio de Janeiro), a Editora Francisco Alves (Rio de Janeiro), a Editora Melhoramentos (São Paulo) e a Livraria Martins (São Paulo), assim como a pioneira, a Companhia Gráfica Editora Monteiro Lobato, que faliu em 1925.¹ Dentre as editoras mais importantes da chamada Era Vargas que tinham em seus catálogos coleções de obras traduzidas, Lia Wyler (2003) menciona a Companhia Editora Nacional, a Editora Globo, a Editora José Olympio e a Livraria Martins.

¹ Monteiro Lobato foi um dos pioneiros da atividade editorial brasileira. Em 1919 fundou a “Monteiro Lobato e Companhia”, tendo como sócio Octalles Marcondes Ferreira. Em 1922 a empresa transformou-se em sociedade anônima e, em 1924, passou a denominar-se Companhia Gráfica Editora Monteiro Lobato. Foi, de acordo com De Luca (1999: 76), a “maior, mais moderna e bem equipada” oficina gráfica do Estado, mas teve vida curta, falindo em 1925 devido a uma série de problemas: a Revolução de 1924 impôs três meses de inatividades à empresa, houve crise bancária e, finalmente, racionamento de energia elétrica que apenas possibilitava o trabalho por horas limitadas. Ainda em 1925, Lobato e Ferreira constituíram uma nova editora, sem o setor gráfico, a Companhia Editora Nacional.

As coleções da época eram fruto de estratégias editoriais que buscavam publicar livros “em maior escala e com menores preços, tendo como alvo públicos especiais, o que implicou numa segmentação do mercado da leitura” (Dutra, 2006: 300). Segundo Amorim (1999: 71-72), a edição de coleções tem como vantagem a padronização dos livros, com conseqüente economia de tempo, redução de custos e fácil identificação das obras pelo leitor, na hora da compra.

Uma das mais importantes coleções do cenário nacional na primeira metade do século 20 foi a Biblioteca Pedagógica Brasileira, projetada pelo intelectual e educador Fernando de Azevedo e empreendimento da Companhia Editora Nacional, dirigida por Octalles Marcondes Ferreira. A coleção foi idealizada tanto com intuito de impulsionar o conhecimento quanto de ampliar o público de leitores. Cinco subséries faziam parte dessa Biblioteca: Literatura Infantil; Livros Didáticos; Atualidades Pedagógicas; Iniciação Científica; e Brasileira. Neste artigo vou focar o projeto da Coleção Brasileira, especificamente as obras traduzidas em seu âmbito.

De acordo com Pontes (1989), são três as mais importantes coleções de assuntos brasileiros editadas na era Vargas: a Brasileira, criada em 1931 pela Companhia Editora Nacional; a Documentos Brasileiros, lançada em 1936 pela Editora José Olympio; e a Biblioteca Histórica Brasileira, produzida a partir de 1940 pela Livraria Martins Editora. Todas tinham como objetivo “desvendar, mapear, estudar a diagnosticar a realidade brasileira” (p. 359).

Na análise de Dutra (2006: 301), entretanto, “a Coleção Brasileira foi, sem dúvida, o maior empreendimento editorial destinado a reunir um conhecimento sistemático sobre o Brasil, ainda hoje sem equivalente na história da edição do país”. Fernando de Azevedo a dirigiu de 1931 a 1957 e Américo Jacobina Lacombe o substituiu. O projeto da Brasileira envolvia a publicação de ensaios sobre o Brasil e estudos de problemas nacionais. Relacionada ao movimento pela renovação pedagógica, do qual Fernando de Azevedo foi um dos integrantes, a Coleção tinha como objetivo revelar o Brasil para os brasileiros, ou seja, divulgar a cultura, o pensamento brasileiro e o conhecimento científico sobre o Brasil. Sua amplitude evidencia-se no texto de algumas orelhas da contracapa das obras publicadas na primeira edição da Coleção. De acordo com Pontes (1989), as orelhas são padronizadas, mas nem todas as que tive acesso apresentam o mesmo texto. Consultei as obras do acervo da UNESP, campus de São José do Rio Preto, que, em sua grande maioria receberam encadernação em capa dura, para preservar os volumes. Muitos livros tiveram as capas originais preservadas,

mas não muitas contracapas e orelhas foram conservadas. Algumas das orelhas da contracapa consultadas apresentavam a continuação do texto da orelha da capa ou uma lista de futuros lançamentos. A citação abaixo foi reproduzida do volume 176-b, publicado em 1943 (*História do Brasil*, de Pedro Calmon):

A 5.^a série, que figura na B. P. B. [Biblioteca Pedagógica Brasileira] com o título de “Brasília” é a mais vasta e completa coleção e sistematização que se tentou, até hoje, de estudos brasileiros. Esta série compõe-se de ensaios sobre a formação histórica e social do Brasil; de estudos de figuras nacionais e de problemas brasileiros (históricos, geográficos, etnológicos, políticos, econômicos, etc.); de reedições de obras raras e de notório interesse e de traduções de obras estrangeiras sobre assuntos brasileiros.

Todos os que se dedicavam a estudos sobre o Brasil eram unânimes em reconhecer as grandes dificuldades criadas, para as suas investigações, pela raridade de obras de informações e de consultas, muitas já esgotadas, outras por traduzir, quase todas dispersas. A C. E. N. [Companhia Editora Nacional] propôs-se a coligir estas obras, reeditá-las ou traduzi-las e a promover e estimular a produção deste gênero, reunindo, em uma série, não só os livros clássicos e os novos trabalhos sobre o Brasil e seus problemas, como todo o material de valor documentário. A aceitação pública que granjeou desde logo a “Brasília” veio provar a utilidade e o alcance desta iniciativa de coordenação e de sistematização de estudos e de pesquisas sobre os assuntos e problemas nacionais, encarados sob todos os aspectos.

Mais de 200 volumes publicados; perto de 30 programados.²

Evidencia-se, portanto, que, além de produção nacional, a Brasília publica traduções de obras estrangeiras sobre assuntos brasileiros. Como essas traduções não foram sistematicamente analisadas, proponho-me, neste trabalho, a fornecer um panorama geral das traduções publicadas, de quais línguas foram traduzidas, quem foram seus tradutores, quais deles escreveram prefácios e notas. A sistematização preliminar dessas fontes primárias tem como objetivo servir como base para futuras pesquisas sobre os procedimentos adotados nas traduções, sobre as notas de tradutores e prefaciadores, assim como para análises comparativas entre as primeiras e as segundas edições, realizadas nos anos 1970 pela Nacional, com o selo Coleção Brasília. Os dados foram compilados das primeiras edições das obras publicadas na Coleção Brasília. Em algumas obras consultadas consta outro número de edição, mas, ao ler os prefácios e apresentações, verifiquei que eventuais edições anteriores foram publicadas por outras editoras, mas estariam esgotadas. Confirma-se, assim, o propósito da Coleção Brasília de reeditar obras raras.

Do volume 1 ao 319, os livros da Brasília, apesar da grandiosidade anunciada no texto acima, são bastante modestos materialmente. São livros pequenos, com 13 cm

² Mantive a grafia original em todas as citações.

de largura por 18,5 cm de altura, com capas de papelão áspero, impressas em duas ou três cores. A ilustração de todas é de um contorno do Brasil em uma cor uniforme, sobre fundo de outra cor, pontilhado de estrelas em branco. Como se pode verificar nos anexos 1 e 2, na parte superior, há o nome do autor, seguido pelo título da obra, sem padronização de fonte; abaixo do título, surpreendentemente, em muitas das traduções, está impresso o nome do(s) tradutor(es) e o do autor do prefácio e das notas, muitas vezes o próprio tradutor. No rodapé da capa, em todos os volumes, consta o número e o nome da série, o número do volume e o nome da coleção de que o volume faz parte: Biblioteca Pedagógica Brasileira.

Não é comum encontrarmos o nome do tradutor logo na capa de um livro. Em geral, sua identidade é ocultada no verso da página de rosto; quando muito, em caracteres pequenos, aparece na página de rosto. No caso das traduções da Brasileira, quando não estão bem visíveis na capa, os nomes dos tradutores estão na página de rosto, abaixo do título, junto ao do prefaciador, quando há um. Em muitos títulos salienta-se que há notas do tradutor ou do prefaciador.

Esses dados levam a pensar que a Coleção Brasileira adotava uma política editorial voltada para a valorização da tarefa do tradutor. Na medida em que são identificados na capa e têm espaço reservado para suas observações em notas e prefácios, o papel dos tradutores estaria assinalado como intérprete do autor, do qual atuaria como coadjuvante. No entanto, o levantamento dos nomes dos tradutores e a maneira pela qual são apresentados indicam que os intelectuais, professores e pesquisadores que fizeram as traduções estariam emprestando sua autoridade aos livros. Entre os que assinam as traduções encontramos, para citar alguns, Affonso de E. Taunay, Américo Jacobina Lacombe, Carlos Lacerda, Carlos Madeira, Clado Ribeiro de Lessa, Edgar Süsskind de Mendonça, Gastão Penalva, Jamil Almansur Haddad, Luiz da Camara Cascudo, Sérgio Buarque de Hollanda, Sérgio Milliet.³ Affonso de E. Taunay é apresentado como membro da Academia Brasileira, Pirajá da Silva e Paulo Wolf são apresentados como “Doutores”, Pedro Celso Uchôa Cavalcanti, como “Sócio do Instituto Archeologico, Histórico e Geografico de Pernambuco”, o tradutor das obras de Bates é o Prof. Dr. Candido de Mello Leitão. Affonso d’E. Taunay, Américo Jacobina Lacombe, Clado Ribeiro de Lessa, Luiz da Camara Cascudo são também autores cujos livros foram publicados na Coleção Brasileira. Assim, parece que a

³ No anexo 3 apresento a lista completa dos tradutores dos volumes 1 a 300, informando se seus nomes são inseridos nas capas, se há prefácio introduzindo a obra e se há notas do tradutor ou do prefaciador.

identificação do tradutor na capa é mais para evidenciar a importância do *nome e qualificação do tradutor*, que para enfatizar a relevância da *tarefa do tradutor*.

Quanto ao levantamento das traduções, verifiquei que, até o volume 300, todos publicados no formato original pequeno, apenas 42 obras são traduzidas do inglês, francês ou alemão. Vários volumes apresentam, no verso da página de rosto, a informação sobre o título do texto de partida; em outras obras, o esclarecimento é prestado no prefácio, o que significa que há identificação da língua em que estava o texto que originou a tradução nos prefácios. Por exemplo, no volume 220, *Os holandeses no Brasil: notícia histórica dos Países-Baixos e do Brasil no século XVII* (1942), encontra-se a nota de que a tradução foi feita do original francês *Les hollandais au Brésil*; além disso, o tradutor Mario Sette explica o seguinte, em nota de rodapé:

Por causa do emprêgo da língua francesa, dei a êste livro o título de *Os Holandeses no Brasil* em vez de *Os Neerlandeses*. Esta última denominação seria mais exata, porque abrangeria todos os habitantes dos Países-Baixos, ao passo que holandeses são apenas os filhos da província da Holanda. Todavia, essa expressão “holandeses” era de tal modo usada no estrangeiro, na época aludida, e mesmo atualmente, que preferi adotá-la. (Netscher, 1942: 9)

Há casos em que na própria capa consta a língua de que a obra foi traduzida, como nos volumes 257 e 257a, em que se lê “traduzido do original alemão por Domício de Figueiredo Murta”. Esses cuidados da Coleção, assim como a atual facilidade de acesso a dados catalográficos completos dos livros nas bibliotecas universitárias, permitem que se identifique o seguinte quadro de línguas dos textos de partida: 20 do francês, 15 do inglês e 7 do alemão.

Quanto aos assuntos publicados, a categorização dos títulos é difícil, pois, como salienta Pontes (1989: 391), um mesmo autor pode ser “classificado em três gêneros distintos, ou seja, em antropologia e demografia, história e política”. Outro fator complicador é a historicidade: *Geologia e geografia física do Brasil*, de Charles Frederick Hartt (1941), foi lido como texto sobre geomorfologia; hoje recebe a classificação “Viagens”. Levando em conta essa dificuldade taxonômica, agrupei livros que estariam nos limites entre história, antropologia e viagens em uma única categoria, obtendo a seguinte distribuição dos volumes traduzidos: 31 relatos de viagem, seis sobre história, três sobre antropologia, e dois volumes de memórias.

O autor mais traduzido é Auguste de Saint-Hilaire, com oito títulos (nove volumes) publicados. Como padrão de comparação, de acordo com Pontes (1989: 395)

o autor que teve mais títulos editados na Coleção Brasileira foi o historiador Pedro Calmon, com nove títulos publicados. Ainda que o número de títulos traduzidos na Coleção Brasileira seja reduzido, em relação ao número de livros de autores nacionais, um autor estrangeiro tem a mesma quantidade de volumes publicados que o brasileiro mais editado. Pontes (1989: 393) explica a importância atribuída nos anos 1930 e 40 a viajantes como Saint-Hilaire, Martius, Spix, Agassiz pelo fato de terem produzido “uma nova visão do Brasil, expressa por meio de um conhecimento diversificado e sólido de múltiplos aspectos de sua realidade”. Eles ofereceriam conhecimento seguro sobre flora, fauna, costumes, e tornaram-se “uma fonte obrigatória de consulta para todos os que se propunham a interpretá-lo [o Brasil]” (p. 393). Essa concepção parece ser amplamente aceita, pois tanto Pontes (1989) quanto Wyler (2003) observam que a Livraria Martins criou, na década de 1940, uma coleção dedicada à publicação de relatos de viajantes que teria lançado, até 1952, 19 títulos traduzidos por escritores-tradutores, como Sérgio Milliet, Sérgio Buarque de Holanda e José Honório Rodrigues.

Mas não apenas os viajantes do século 19 foram (re)editados pela Nacional. Algumas obras são de viajantes ou analistas contemporâneos. Em sua “Nota do tradutor” ao livro de Alexander Marchant, publicado pela Johns Hopkins em 1942, Carlos Lacerda observa que o autor representa uma ruptura em relação à maneira como a história do Brasil negligencia o papel dos negros e, especialmente, dos índios, para a formação do Brasil. Sérgio Milliet (1942:10), no Prefácio de *Cartas do Brasil* assinala que “a brasileira em idioma estrangeiro é copiosa em relação à fase colonial e ao Império”, mas há poucas obras em outros idiomas sobre a vida republicana. Publicar essa coletânea de artigos editados no *Journal des Débats* entre 1889 e 1890, que constituiriam as primeiras “Reportagens” modernas, permitiria traçar “um paralelo entre a opinião desses historiadores e sociólogos de nossa terra e os observadores alienígenas” (p. 10) que só nos seria útil.

A ruptura não é, entretanto, a tônica quando se trata de traduções. Em geral os textos dos tradutores elogiam a iniciativa da Coleção de (re)editar o conhecimento estabelecido. Leonam de Azeredo Pena (1941: v), em “Duas palavras do tradutor”, enaltece o trabalho da editora ao praticamente completar a tradução dos diários de viagem de Saint-Hilaire, considerando-se “feliz por ter colaborado nessa missão de possibilitar o conhecimento de obras uteis e raras, pondo-as al alcance de todos”; afinal,

[...] foi a Companhia Editora Nacional que abriu a trilha dessa utilíssima tarefa de verter para o português as obras de cientistas estrangeiros que visitaram o Brasil, avultando a de SAINT-HILAIRE com a primeira tradução aparecida logo ao quinto volume da coleção “Brasiliana”, em 1932. (Pena, 1941: v)

O mesmo Leonam de Azeredo Pena (1939), em prefácio à segunda edição de *Viagem ao Rio Grande do Sul*, também de Saint-Hilaire, elogia a obra e salienta que o autor tinha boa visão do futuro e exemplifica com dois trechos da obra em que seria possível fazer ligação com o presente.⁴ Finaliza com as seguintes palavras: “somos felizes em vermos nossa modesta tradução enfileirar-se ao lado dos primorosos trabalhos que constituem a ‘Coleção Brasiliana’, da Companhia Editora Nacional” (p. 20).

Os trechos acima evidenciam que, se os tradutores não tinham total liberdade para manifestarem suas posições em prefácios ou em notas, tinham, pelo menos, muita autonomia. A direção da Coleção Brasiliana parece também não interferir em relação às estratégias tradutórias. Percebe-se isso nas observações dos tradutores sobre suas traduções. Por exemplo, em seu “Prefácio do tradutor”, o Prof. Estevão Pinto apresenta aos brasileiros a obra de Métraux, antropólogo suíço que traduz, e observa que não emprega a “grafia internacional” das etnias indígenas brasileiras, optando por seu aportuguesamento. Assim, os Apiaká, na grafia internacional, tornam-se, na tradução, apiacá, os Arawak, arauaque, os Kaingáng, caingang, os Kayná, cainá, os Guayaki, guaiaqui, e assim por diante. Percebe-se que Pinto (1950: 9) manifesta sua presença e sua identidade, ao declarar: “costumo [...] aportuguesar e simplificar o mais possível”, em primeira pessoa do singular, como um sujeito tradutor brasileiro que não procede como os “americanistas” e rejeita os estrangeirismos, os *w*, os *k*, os *y*, e as maiúsculas da grafia “internacional”. Pinto torna português o que seria internacional e, portanto, estrangeiro, manifestando sua preferência pela domesticação da terminologia.

Lacerda (1943:13), ao contrário, observa: “preferimos uma estrita fidelidade ao original inglês à adaptação que se destinaria a pô-las [as expressões] de acordo com a terminologia usual nos estudos brasileiros”. Utiliza, por exemplo, “aldeiamento” em lugar de “redução” e “governador real” em vez de “governador geral” pela razão “óbvia” de não “estratificar certas expressões”, e reduzi-las a “o que não dá ao leitor uma idéia viva daquilo que o vocábulo visa exprimir” (p. 13). Esclarece também que

⁴ Nesse Prefácio, datado de 1938, Pena explica que a primeira edição da tradução foi publicada pela “Ariel Editora” em 1935, mas esgotou-se. Para a publicação na Brasiliana, ele teria revisto a tradução.

não opta por um vocabulário contemporâneo: “usamos a expressão ‘escambo’, um pouco rebarbativa, em vez de simplesmente ‘permuta’ ou ‘troca’, porque ela corresponde melhor à realidade da época” (p. 12).

Na tradução de Thévet (1944), no verso da página de rosto, encontra-se exemplo não apenas da autonomia dos tradutores, mas de sua relevância enquanto autoridade intelectual. Em caixa alta, lê-se “OBRAS DO PROF. ESTEVÃO PINTO”, acima da lista de cinco livros e um artigo publicados. Abaixo dela, há uma observação, assinada por “E. P.”, na qual o tradutor explica que a tradução foi feita a partir da edição de 1558, mas que também utilizou a edição de Gaffarel, de 1878. Essa edição teria acrescentado seiscentas e sete notas ao texto de Thévet, mas ele apenas aproveitou cerca de quarenta delas, “sendo que algumas foram mesmo ampliadas ou robustecidas de novos dados”. Explica porque muitas foram “desprezadas”: não correspondiam ao “estado atual dos conhecimentos científicos” ou “não passavam de erros ou lapsos” do editor Gaffarel (Thévet, 1944: 6).

Alguns tradutores empenham-se, como Estevão Pinto, em atualizar os conhecimentos, ou em corrigir os originais. É o caso de Leonam de Azeredo Pena (1939: 22), que, no prefácio à primeira edição de *Viagem ao Rio Grande do Sul*, intitulado “Traduttore Traditori”, afirma que teve “sempre em mente a velha advertência italiana segundo a qual os tradutores nem sempre são fiéis aos autores”. Assim descreve seus procedimentos:

No texto procuramos corrigir os vocábulos toponímicos, porquanto achamos não haver vantagem em mantê-los errados sómente para aparentarmos fidelidade ao original. Sabido que entre os méritos de um livro como êste salienta-se o seu caráter didático, empenhámo-nos, na medida do possível, em emendar os nomes portugueses e indígenas. Para exemplificarmos lembraremos que no original (publicado após a morte do Autor) está: Rincão da Bom Monte em vez de Rincão da Boca do Monte. É visível tratar-se de erro de imprensa, talvez oriundo da caligrafia do Autor, aliada ao desconhecimento de nossa língua por parte do tipógrafo francês. (Pena, 1939: 22)

Além de corrigir, ou “emendar” o texto, Pena (id. ib.) observa que só traduziu a parte “referente ao território rio-grandense, saltando os sete capítulos alusivos ao território uruguaio”. A fidelidade, para esse tradutor, relaciona-se estreitamente aos supostos interesses do público leitor.

Américo Jacobina Lacombe também tende a corrigir a informação dada pelo viajante Richard Burton (1941), ou a ortografia usada, sem explicitar o procedimento em prefácio. O termo usado por Burton é retificado no texto, mas Lacombe apõe uma

nota indicando como estava no texto de partida. Não se explicita que o autor teria errado, mas o equívoco fica implícito na nota. Por exemplo, no corpo do texto lê-se Serra dos Coroados, mas há uma nota afirmando que “no Original está Serra dos Cerôados (N. T.)” (Burton, 1941: 120).⁵ Mas essa não é a concepção de todos os tradutores da Coleção Brasileira. Na tradução de *Dois anos no Brasil*, de François Auguste Biard, feita por Mario Sette, lê-se, no verso da página de rosto, que “o tradutor respeitou a grafia do autor em nomes de localidades, tribus indigenas, rios, ilhas e animais das regiões brasileiras percorridas”.

Interessante é o procedimento de Luiz da Camara Cascudo (1942: 10), ao afirmar que Henry Koster “denominou seu livro ‘Travels in Brazil’ mas a tradução fiel será ‘Viagens ao Nordeste do Brasil’ porque o Brasil de Koster é Pernambuco e as províncias setentrionais”. Para o tradutor, o autor teria sido infiel ao denominar seu livro? Isso é muito curioso, porque, após traçar uma breve biografia de Koster, Cascudo (1942: 23) salienta que ele foi fiel ao apresentar “instantâneos sem retoque da época”, ou seja, o tradutor se refere a um autor, ao mesmo tempo, fiel e infiel.

Os tradutores de Saint-Hilaire costumam elogiar a fidelidade do autor. Para Taunay (1935: 8), por exemplo, “cousa que geralmente chama a atenção dos leitores de Saint-Hilaire é a fidelidade com que elle soube graphar as palavras portuguezas, prova de quanto chegou a conhecer bem a nossa lingua”. Comenta também que seus depoimentos são “sempre tão inteligentes e sobretudo sinceros”, trazendo “valioso contingente de informações sobre uma das mais importantes regiões brasileiras” (p.10). Taunay finaliza seu Prefácio com o seguinte parágrafo: “Estamos certos de que o nosso publico amante dos assumptos nacionaes apreciará realmente este relato honesto e elevado, inedito, por assim dizer, sahido da penna do grande viajante a cuja memoria devem os brasileiros muitos motivos de verdadeira gratidão” (p. 11).

Mas nem todos tecem elogios aos autores traduzidos. Em seu Prefácio ao texto de Seidler (1939), Sylvio Cravo traça uma breve história da constituição de batalhões de mercenários estrangeiros no Brasil destacados para conter revoltas. Vários oficiais, entre eles o autor, teriam escrito obras sobre sua estada no Brasil, mas seus relatos seriam marcados por rancor, vingança e falta de veracidade. De modo semelhante, Milliet (1942), apesar de elogiar a iniciativa de publicação da obra de Leclerc, comenta seus julgamentos apressados, superficiais e, muitas vezes, suspeitos. Assinala alguns

⁵ Sobre as notas de rodapé de Américo Jacobina Lacombe na obra de Burton (1941), consultar Rodrigues (no prelo).

equívocos do autor, mas deixa ao leitor a tarefa de descobrir as qualidades e defeitos do “documento ainda inédito em português” (p. 10). Apenas a análise das notas dessas obras poderia revelar se as informações contestáveis são indicadas nos textos traduzidos.

Este ensaio preliminar teve apenas o objetivo de traçar o panorama das obras traduzidas publicadas na Coleção Brasileira. O exame dessas traduções ainda está por ser feito. Apenas quem se debruçar sobre essas obras poderá saber se os tradutores efetivamente procederam da maneira como declararam tê-lo feito. Mas essa é uma outra história, para a qual espero que este texto tenha aguçado a curiosidade.

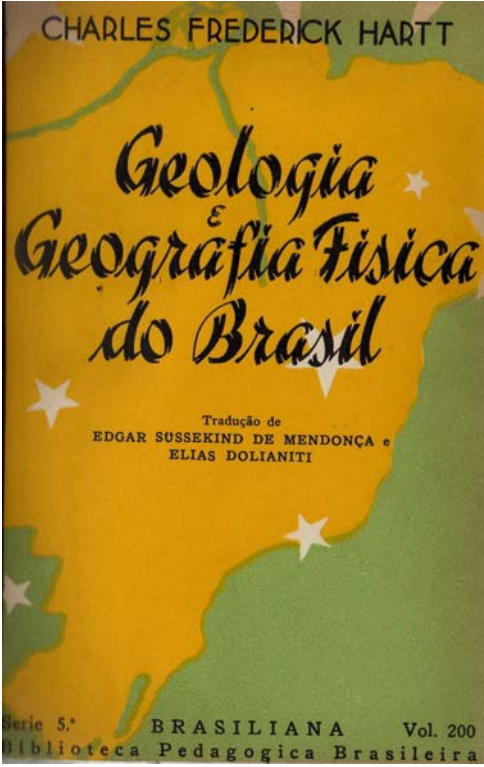
Referências bibliográficas

- AMORIM, Sônia Maria de (1999) *Em busca de um tempo perdido: edição de literatura traduzida pela Editora Globo (1930-1950)*. São Paulo: Edusp: Com-Arte; Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- BIARD, François Auguste (1945) *Dois anos no Brasil*. Trad. Mario Sette. São Paulo: Editora Nacional.
- BURTON, Richard Francis (1941) *Viagens aos planaltos do Brasil (1868)*. Trad. Américo Jacobina Lacombe. São Paulo: Editora Nacional. v. 1.
- CASCUDO, Luiz da Câmara (1942) “Prefácio do tradutor”. Henry Koster. *Viagens ao nordeste do Brasil*. 9-27. São Paulo: Editora Nacional.
- CRAVO, Sylvio (1939) “Prefácio”. Carlos Seidler. *História das guerras e revoluções no Brasil de 1825 a 1835*, 9-24. Trad. Alfredo de Carvalho. São Paulo: Editora Nacional.
- DE LUCA, Tania Regina (1999) *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*. São Paulo: Ed. da UNESP.
- DUTRA, Eliana de Freitas (2006) “A nação nos livros: a biblioteca ideal na coleção Brasileira”. Jean-Yves Mollier (Org.). *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política*, 299-314. São Paulo: Annablume.
- HARTT Charles Frederick (1941) *Geologia e geografia física do Brasil*. Trad. Edgar Sussekund de Mendonça e Elias Dolianiti. São Paulo: Editora Nacional.
- LACERDA, Carlos (1943) “Nota do tradutor”. Alexander Marchant. *Do escambo à escravidão: as relações econômicas de portugueses e índios na colonização do Brasil (1500-1580)*, 9-13. Trad. Carlos Lacerda. São Paulo: Editora Nacional.

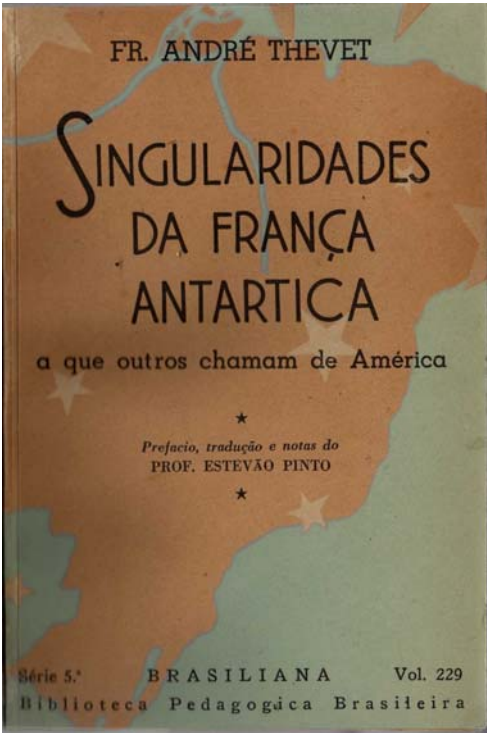
- MILLIET, Sérgio (1942) “Prefácio”. Max Leclerc. *Cartas do Brasil*. São Paulo: Editora Nacional. p. 7-11.
- NETSCHER, Pieter Marinus (1942) *Os holandeses no Brasil: notícia histórica dos Países-Baixos e do Brasil no século XVII*. Trad. Mario Sette. São Paulo: Editora Nacional.
- PAES, José Paulo (1990) “A tradução literária no Brasil”. *Tradução: a ponte necessária*, 9-53. São Paulo: Ática.
- PENA, Leonam de Azeredo (1939) “Prefácio da segunda edição”. Auguste Saint-Hilaire. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1820-21)*, 17-20. São Paulo: Editora Nacional.
- _____ (1939) “Traduttore traditori”. Auguste Saint-Hilaire. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1820-21)*, 21-22. São Paulo: Editora Nacional.
- _____ (1941) “Prefácio”. Auguste Saint-Hilaire. *Viagem pelo distritos dos diamantes e litoral do Brasil: com um resumo histórico das revoluções do Brasil, da chegada de D. João VI a América à abdicação de D. Pedro*, v-vi. São Paulo: Editora Nacional.
- PINTO, Estevão (1950) “Prefácio do tradutor”. Alfred Métraux. *A religião dos tupinambás e suas relações com as demais tribus tupi-guaranis*, 9-30. São Paulo: Editora Nacional.
- PONTES, Heloísa (1989) “Retratos do Brasil: editores, editoras e ‘Coleções Brasileira’ nas décadas de 30, 40 e 50”. Sergio Miceli. *História das Ciências Sociais no Brasil*, 359-409. São Paulo: Revista dos Tribunais, v. 1.
- RODRIGUES, Cristina Carneiro (2009) “Tradução anotada, autor-tradutor invisível: Richard Francis Burton na Brasileira”. *TradTerm* (no prelo).
- TAUNAY, Affonso de E. (1935) “Prefácio”. Auguste Saint-Hilaire. *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo (1822)*, 7-11. São Paulo: Editora Nacional.
- THÉVET, André (1944) *Singularidades da França Antártica, a que outros chamam de América*. Trad. Estevão Pinto. São Paulo: Editora Nacional.
- WYLER, Lia (2003) *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco.

Anexos

Anexo 1: Publicação de 1941



Anexo 2: Publicação de 1944



Anexo 3: Relação das obras traduzidas publicadas pela Coleção Brasileira do nº.1 ao 300

v.	título	data publicação	autor	língua do texto de partida	tradutor ¹	notas ²	assunto ³
5	Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo (1822)	1935	Auguste de Saint-Hilaire (Augustin François Cesar Prouvençal de Saint-Hilaire)	francês	Affonso de E.Taunay (da Academia Brasileira)	P e N	V
56	Mulheres e costumes do Brasil	1935	Jean Charles Marie Expilly	francês	Gastão Penalva	P e N	V
58	Viagem à província de Santa Catarina (1820) - 1936	1936	Auguste de Saint-Hilaire	francês	Carlos da Costa Pereira*	P e N	V
60	A vida dos índios guaicurus: quinze dias nas suas aldeias	1936	Emilio Rivasseau	francês	Tradução e ilustração do autor	P	V A
68	Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela província de Goiás (v. 1)	1937	Auguste de Saint-Hilaire	francês	Clado Ribeiro de Lessa*	N	V
72	Segunda viagem ao interior do Brasil: Espírito Santo	1937	Auguste de Saint-Hilaire	francês	Carlos Madeira*	P	V
78	Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela província de Goiás (v. 2)	1937	Auguste de Saint-Hilair	francês	Clado Ribeiro de Lessa*	N	V
95	Viagem ao Brasil (1865-1866)	1938	Louis Agassiz e Elizabeth Cabot Cary Agassiz	inglês	Edgar Sússekind de Mendonça*	N	V
109	D. Pedro II e o Conde de Gobineau: correspondências inéditas	1938	Georges Raeders	francês	No livro não consta que seja tradução, mas as cartas estão em francês	P	M
118	Através da Bahia: excertos da obra	1938	Johann Baptist von	alemão	Pirajá da Silva e Paulo Wolf*	P e N	V

¹ O asterisco indica se a informação é fornecida na capa.

² Apenas assinalo se há ou não notas, não sua quantidade, nem se são do tradutor ou do prefaciador. As obras têm quantidade de notas do tradutor ou do prefaciador em número muito variável, sendo impossível quantificá-las nesse momento.

³ V, viagens; A, antropologia; H, história; M, memórias; G, geografia e geologia.

	<i>Reise in Brasilien</i> (3.ed.)		Spix e Karl Friedrich Philipp von Martius				
123	O domínio colonial holandês no Brasil: um capítulo da história colonial do século XVII	1938	Hermann Julius Eduard Watjen	alemão	Pedro Celso Uchôa Cavalcanti*	N	H
126	Viagem pelas províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais (v. 1)	1938	Auguste de Saint-Hilaire	francês	Clado Ribeiro de Lessa*	P e N	V
126 a	Viagem pelas províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais (v. 2)	1938	Auguste de Saint-Hilaire	francês	Clado Ribeiro de Lessa*	P e N	V
150	A conquista do Brasil	1939	Roy Nash	inglês	Trad Moacyr N. Vasconcellos*	N	H
154	Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros (1844) ⁴	1939	Karl Friedrich Philipp von Martius	alemão	Pirajá da Silva		V A
156	Viagens pelo Amazonas e Rio Negro	1939	A. Russell Wallace	inglês	Trad de Orlando Torres*, Prefácio de Basílio de Magalhães*	P e N	V
159	História das guerras e revoluções no Brasil de 1825 a 1835	1939	Carlos Seidler [Karl Friedrich Gustav Seidler]	alemão	Trad e introd de Alfredo de Carvalho	P	H M
167	Viagem ao Rio Grande do Sul (1820-21)	1939	Auguste de Saint-Hilaire	francês	Leonam Azeredo Pena	P e N	V
197	Viagens aos planaltos do Brasil: do Rio de Janeiro a Morro Velho (v. 1)	1941	Richard Francis Burton	inglês	Américo Jacobina Lacombe*	N	V
200	Geologia e geografia física do Brasil	1941	Charles Frederick Hartt	inglês	Edgar Sussekind de Mendonça e Elias Dolianiti*	P e N	V G
205	O Brasil e os brasileiros: esboço histórico e descritivo (v. 1)	1941	Daniel Parish Kidder e James Cooley Fletcher	inglês	Trad Elias Dolianiti; revisão e notas Edgar	P e N	V H A

⁴ Essa obra não foi localizada, ou seja, não é possível fornecer informações sobre capa, prefácio e notas.

					Sussekind de Mendonça*		
205a	O Brasil e os brasileiros: esboço histórico e descritivo (v. 2)	1941	Daniel Parish Kidder e James Cooley Fletcher	inglês	Trad Elias Dolianiti; revisão e notas Edgar Sussekind de Mendonça*	N	V H A
210	Viagem pelo distritos dos diamantes e litoral do Brasil; com um resumo histórico das revoluções do Brasil, da chegada de D. João VI a América à abdicação de D. Pedro	1941	Auguste de Saint-Hilaire	francês	Leonam de Azeredo Pena*	P e N	V
215	Cartas do Brasil	1942	Max Leclerc	francês	Trad, Prefácio e Notas de Sérgio Milliet*	P e N	V
218	Etnologia sul-americana: círculos culturais e extratos culturais na América do Sul	1942	Wilhelm Schmidt	alemão	Sergio Buarque de Hollanda		A
220	Holandeses no Brasil: notícia histórica dos Países-Baixos e do Brasil no século XVII, Os - 1942	1942	Pieter Marinus Netscher	do francês	Mario Sette*	N	H
221	Viagens ao nordeste do Brasil	1942	Henry Koster	inglês	Luiz da Camara Cascudo	P e N	V
223	Viagens no Brasil: principalmente nas Províncias do norte e nos Distritos do ouro e do diamante, durante as anos de 1836-1841	1942	George Gardner	inglês	Albertino Pinheiro*	N	V
225	Do Escambo à escravidão: as relações econômicas de portugueses e índios na colonização do Brasil (1500-1580)	1943	Alexander Marchant	inglês	Carlos Lacerda	P e N	H
229	Singularidades da França Antártica, a	1944	André Thevet	francês	Prefácio, tradução e notas	P e N	V

	que outros chamam de América				do Prof Estevão Pinto*		
232	Através do sertão do Brasil	1943	Theodore Roosevelt	inglês	Conrado Erichsen*	N	V
237	Um Naturalista no Rio Amazonas (v. 1)	1944	Henry Walter Bates	inglês	Trad. prefácio e notas do Prof. Dr. Candido de Mello Leitão	P e N	V
237 a	Um Naturalista no Rio Amazonas (v. 2)	1944	Henry Walter Bates	inglês	Trad. prefácio e notas do Prof. Dr. Candido de Mello Leitão	P e N	V
241	Branços e pretos na Bahia: estudo de contato racial	1945	Donald Pierson	inglês	Donald Pierson		A
242	Estrada de ferro Madeira- Mamoré: história trágica de uma expedição ⁵	1947	Neville B. Craig	inglês	Moacir N. Vasconcelos	N	H
244	Dois anos no Brasil	1945	François Auguste Biard	francês	Trad do original francês por Mario Sette*	N	V
257	Pluto brasiliensis (v. 1)	s/d	Wilhelm Ludwing von Eschwege	alemão	Tradução do original alemão por Domício de Figueiredo Murta*	P e N	V G
257 a	Pluto brasiliensis (v. 2)	s/d	Wilhelm Ludwing von Eschwege	alemão	Tradução do original alemão por Domício de Figueiredo Murta*	N	V G
266	Expedição às regiões centrais da América do Sul (v. 1)	1949	Francis [de la Porte] Castelnau	francês	Olivério M. de Oliveira Pinto *	N	V
266 a	Expedição às regiões centrais da América do Sul (v. 2)	1949	Francis [de la Porte] Castelnau	francês	Olivério M. de Oliveira Pinto*	N	V
267	A religião dos tupinambás e suas relações com a das demais tribos tupi-guaranis	1950	Alfred Métraux	francês	Prefácio, tradução e notas do Prof. Estevão Pinto*	P e N	A
278	Brasil literário: história da literatura brasileira	1955	Ferdinand Wolf	francês	Trad., prefácio e notas de Jamil Almansur Haddad*	P e N	H

⁵ Essa obra estava sem capa, mas na página de rosto há a informação de que a tradução e as notas são de Moacir N. Vasconcelos. No entanto, as notas aparentemente são do autor.